

A insustentável leveza da pele

O Museu Nacional de História Natural e da Ciência também tem como missão dar a conhecer as suas colecções e como desafio promover a convivência das várias sensibilidades culturais potenciadoras de conhecimento. Ao proporcionar o cruzamento de ideias contribui para a formação de um público sintonizado com o tempo contemporâneo e determinante na ligação do museu à cidade. “Quando aludimos à ‘função’ de qualquer coisa, provavelmente estamos a pensar naquilo que essa coisa *deve* produzir em vez daquilo que ela produz ou haja produzido.”¹ A exposição *Alice* de Jorge Barreto Xavier vai certamente contribuir para esse propósito.

A exposição é composta por onze fotografias que têm como tema a pele de Alice, é apresentada na sala Branca Edmeé Marques² onde está a exposição *Cuidar e Curar*, mostra de objetos da coleção da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, depositados no Museu. Não se trata propriamente de um diálogo entre as duas exposições, mas sim a arte a encontrar-se com a ciência. As fotografias de grandes dimensões estão penduradas ao redor da sala em oposição aos objectos desta colecção que estão guardados nos armários.

Jorge Barreto Xavier apropria-se deste espaço de ciência e leva-nos a imaginar o que se oculta nesta narrativa fotográfica. Os vestígios e as memórias deixados nos trabalhos colocam-nos como espectadores continuadores do próprio objecto artístico, fazendo com que a exposição se aproxime de nós e nós dela como modelo de construção, de encontro e de mistério. “No rosto que então surgia, os traços limitados e pobres não tinham beleza própria. Nada restava do antigo mistério senão a cor da pele, creme, sombria, fugitiva.”³ Não é tanto um processo é mais um compromisso que Jorge Barreto Xavier estabelece com a sua arte, com o seu olhar. A sua percepção e a sua capacidade de visão resultam na criação destes objectos fotográficos como poética realista e enigmática.

Estas fotografias também podem ser paisagens, há uma similitude entre a pele e a paisagem; na cor, na transparência, na densidade. Quando se joga com a composição da pele, com a sua organicidade, cria-se uma cumplicidade entre a corporalidade humana e a paisagem, nos pormenores, nos detalhes. “Dedicando, desse modo, atenção

¹ T. S. Eliot, in: *De Poesia e Poetas*, p.12

² Branca Edmeé Marques, (1899-1986), cientista portuguesa na área de física e química. Doutorou-se em 1935, na Universidade de Paris sob orientação de Marie Curie.

³ Clarice Lispector, in: *Perto do Coração Selvagem*, p.40.

às partes individuais, independentemente das outras, pode-se obter maior perfeição nos detalhes, tais como no arranjo de cortinados, no refinamento da pose e na expressão.”⁴ Nesta exposição o detalhe foca-se na pele de Alice.

Há qualquer coisa na pele que tem profundidade, é mais do que superfície, é a cor associada à sua geometria, é a sua densidade, a sua comunicação. “A pele que acreditamos fechar e ‘conter’ nossos corpos é dotada de um estatuto paradoxal que se torna cada vez mais oportuno emetizar, no contexto da expansão e consolidação da cultura da imagem, do espectáculo, da performance bem-sucedida e dos modos de vida com ela compatível. De início, lembremos que a pele é meio de comunicação por excelência, verdadeira interface dentro/fora, membrana de trânsito e trocas com o que costumamos chamar de ‘meio ambiente’. Não se trata, portanto, de um mero invólucro ou embalagem.”⁵ É a pele de Alice que se enraíza na visão de Jorge Barreto Xavier e a sua expressão criativa e emotiva reside na materialização deste conjunto de fotografias.

“Em teu corpo, lânguida amante,
Me apraz contemplar,
Como um tecido vacilante,
A pele a faiscar.”⁶

Sofia Marçal

⁴ Beaumont Newhall, in: *História da Fotografia*, p. 78.

⁵ Maria Cristina Franco Ferraz, in: *Homo deletabilis – corpo, percepção, esquecimento: do século XIX ao XXI*.

⁶ Charles Baudelaire, in: *As flores do mal*, A serpente que dança. p.186.